N.º 209 Ovar—Domingo 8 de Março de 1891 5.º Anno

Assignatura

Assignatura em Ovar, semestre 500 rs.
Com estampilha..... 600 rs.
Fóra do reino accresce o porte do correio.
Annunciam-se obras litterarias em roca de dous exemplares.

Pagamento adiantado

Redacção e administração
Rua d'Arruella n.º 119

O POVO D'OVAR

Director e editor—*Francisco Fragateiro*

Administrador—*Antonio José Pereira Zagallo*

Publicações

Publicações no corpo do jornal 60 rs. linha.
Annuncios e communicados, a 5 reis a linha,
Repetições..... 20 rs. linh
Annuncios premanentes 5 »
Folha avulso..... 40 rei

Séde da imprensa
Rua da Fabrica, n.º 11—Porto.

Os selvagens

Serenamente havemos de ir desembaraçando da intriga e da mentira a selvageria da noute de terça-feira de entrudo.

Nem nos assaltam as impaciencias, nem o temor da lei, nem a furia de insultar. Para quê, se no fim a opinião publica nos ha-de fazer justiça completa, atirando com as responsabilidades a quem toca?

Discutimos o administrador do concelho commandando esse bando de selvagens, que d'uma viella assaltam um homem, varando-o a tiros de espingarda: e os nossos adversarios respondem-nos, chamando-nos republicanos. Com factos, provamos que o administrador do concelho se jactava de republicano quando em opposição: que alardeava as suas convicções republicanas quando rebentou a revolta no Porto; e elles replicam-nos com o insulto.

Quem tem razão?

Nós, discutindo os factos e respondendo ás arguições que nos fazem: ou elles, evitando toda a discussão e entrando no campo desbragado do insulto?

Deixamos passar os insultos: as arguições terão sempre resposta cabal, completa.

—

O «Ovarense» não ousa defender já o administrador de concelho e a sua *troupe*. Quer que a selvageria passe ao silencio, que não ouça o governo, nem o partido progressista de fóra, para que um se não tenha de envergonhar dos actos que o seu delegado de confiança pratica e para que o outro não se arrependa de ter inculcado para auctoridade semelhante homem, talvez seu partidario.

Entretanto o administrador do concelho procura esquivar-se ás responsabilidades do acto, mentindo, declarando em officios que não esteve presente ao attaque em que os *cabos de policia* da malta tentaram assassinar Manoel Antonio Lopes. Com toda a *lealdade* imputa a responsabilidade ao seu secretario.

Affirmando que alguns cabos de policia dispararam sobre o ferido, attingindo-o, põe-os assim a descoberto, mas para se mascarar encobre-lhes os nomes.

Se a selvageria foi necessaria para manter a ordem, se ella foi exercida na propria defeza do principio da auctoridade, porque é que ninguem se apresenta de frente arcando com a *gloria* do feito e todos precuram vez á vez sacudir a agua do seu capote?

O administrador do concelho é o primeiro a esquivar-se quando muitas testemunhas o viram lá! Que admira pois que os restantes ha malta, a não ser os feridos, affirmem que em tal noute não estiveram no local do crime? Quando o capitão foge que devem fazer os soldados?

Assim as responsabilidades vão-se apurando e pouco.

Não é com insultos, que respondemos aos nossos adversarios, é com factos impossiveis de desmentir.

Diz o administrador do conselho que foram os cabos de policia, que dispararam quando faziam a ronda.

Estamos certos de que taes homens não eram cabos de policia, porque o administrador não se cercou d'essa gente.

Antonio d'Oliveira Salvador, Manoel Alves Ferreira e outros individuos menores que andavam na malta e armados até aos dentes nem eram cabos de policia. nem o podiam ser attenta a sua pouca edade.

E para que iam lá esses e outros que já na vespera e antevespera se tinham salientado bastante nas desordens por causa das philarmonicas?

O administrador arrebanhou o que poude. Ia n'esse dia de mau humor, e com a sua tropa equipada pensava esmagar os adversarios que encontrasse a geito.

Foi Manoel Antonio Lopes a victima. Apanharam-no á falsa-fé; e por isso a malta cevou n'elle todos os desejos da vingança. Mas a victima, quasi na agonia, ainda mostrou aos selvagens que se não mata impunemente um homem. Para que bem se conhecesse que era a gente da auctoridade, ficou marcado um do bando.

Depois d'isso Manuel Lopes podia morrer, porque estavam descobertos os seus assassinos—eram os taes *cabos de policia* que simulavam fazer a ronda da villa

E os nossos adversarios dizem ainda, que nós, escrevendo, procuramos desorientar a opinião publica!

Nós, mas porque é que elles não expõem os factos e não os explicam como nos o fazemos?

Quem lhes prohibe usar dos mesmos meios de publicidade?

Nós chamamol-os para a discussão serena, cordata, e elles vem arremessando injurias.

E' por isso que a opinião publica se deixa orientar d'um modo que lhes não convem

Arguem nos factos antigos, e é agora o momento de nos defendermos.

Pergunta o «Ovarense» porque é que o director d'este jornal, quando administrador do concelho, fazia apalpar os bolsos dos individuos que de noute percorriam as ruas da villa.

Esse administrador do concelho, está justificado com os ultimos acontecimentos.

Elle não mandou apalpar indistinctamente todos os individuos Aquelles que eram serios e socegados, aquelles que nem eram creanças nem eram arruaceiros podiam passar que ninguem queria saber se andavam armados ou não. As creanças eram revistadas e ter-se-lhe-iam tirado as armas se as trouxessem.

D'aqui resultava que toda essa malta, que mais tarde veio a compôr a ronda, que pretendeu assassinar Manoel Lopes, andava socegada, dentro dos limites da ordem e da legalidade. O tiroteio como ás vezes se presenceia nas ruas da villa desappareceu, dando logar ao socego.

N'esses tempos em que a ordem publica se mantinha com rigor, não se viam creanças como o filho do snr. Antonio Cunha, Manoel Alves Ferreira e Antonio Salvador e outros armados de espingardas com bala e rewolvers, pimponeando força e audacia. Então as creanças podiam divertir-se á vontade, mas era lhes vedado fazer asneiras e crimes.

Tambem, por isso mesmo, nunca houve a lamentar desgraças, como a da noute de entrudo.

Porque vem pois com arguições?

Qualquer que fazem, teem logo de a engulir, porque é destemperada.

Francisco Fragateiro acceita a responsabilidade inteira e completa de todos os actos praticados na administração do concelho durante o tempo que alli exerceu o cargo de administrador interino. Nunca se esquivou a responder pelos seus actos e pelos dos seus amigos, quando os mandou ou auctorisou a praticar. Comprova isto bem com a jornada a Pardilhó.

Accusa-se tambem esse administrador de ter commandado as desordens que impediram a penultima operação do sorteio militar.

Todos sabem quanto se oppôz a isso, as declarações que fez sempre que para tanto teve logar. Os protestos foram ouvidos por dezenas de pessoas reunidas no tribunal judicial d'esta villa.

Portanto não carecemos de accrescentar uma unica palavra.

De resto o «Ovarense» insulta. Aos insultos não se responde.

A abertura do parlamento

O parlamento abriu-se em circumstancias excepcionaes, e foi por isso que o ministerio, chamando a si os chefes e os homens mais preponderantes dos dois partidos monarchicos, quiz saber se poderia evitar o golpe de misericordia logo no primeiro dia da abertura.

E' dado vêr que a bôa vontade dos chefes dos partidos monarchicos, traduzida nas promessas d'appoio ao governo, não é bastante para desanuviar o horisonte politico; já por que o parlamento não é o representante genuino da vontade nacional, e ainda porque os dois chefes nem concentram em si todos os elementos politicos que se encontram na camara, nem teem a força sufficiente para domar os impetos dos seus soldados movidos ou pelo requintado patriotismo ou pelo egoista interesse pessoal.

A abertura do parlamento metteu susto ao ministerio extra-partidario, que subiu em resultado d'uma arruaça parlamentar, como apavora os outros partidos monarchicos, pois todos, mais ou menos, teem responsabilidade no actual estado de coisas.

E' que lá dentro ha a completa anarchia, nas opiniões e na discipliua partidaria, dando logar a pequenos grupos e patrulhas, cada qual com o seu lemma e com o seu chefe; e cá fóra, nas ruas reina a mais desenfreada anarchia nos espiritos.

*

Em 11 de janeiro do anno passado o ultimatum: em 20 d'agosto o tractado; poucos dias depois a arruaça parlamentar e nas ruas expondo-nos indefesos á brutalidade ingleza e abrindo uma crise monarchica: agora a revolta, augmentando o sobresalto: e sempre a crise financeira, deixando o nosso credito aos pedaços nas mãos de meia duzia de banqueiros. O governo sem appoio alguma, appellando e chamando em seu soccorro os chefes dos dois partidos monarchicos: estes sem força moral para redusir á disciplina e á obediencia os seus irriquietos soldados.

Tal é o quadro dissolvente, que apresenta a politica portugueza no momento critico em que mais precisávamos de unidade, firmeza e sensatez.

O que será o dia d'amanhã?

E' esta incerteza terrivel que apavora os espiritos: é este problema que preoccupa os que veem no paiz a sua patria e não uma ceara a ceifar.

A posição precaria, que vinhamos explorando vivendo de impostos e de emprestimos, seccando os recursos naturaes do paiz pela ganancia de tirar ao contribuinte o suor do seu trabalho e seccando as fontes do credito legal pelas constantes imposições aos prestamistas, devia conduzir a semelhante estado de coisas.

Os governos preoccupavam-se apenas em fazer politica, dar á enorme clientella, que em opposição tinham formado com as promessas. Os assumptos serios, d'alcance, eram arremessados para o lado com enfado. Por isso caminhámos ao Deus — dará fiados na Inglaterra que nos fornecia dinheiro e nos assegurava uma velha alliança, emquanto a sua voracidade o promettia. O dinheiro continuava sempre porque nós iamos satisfazendo pontualmente os juros, mas veio esta crise aguda e os judeus londrinos fecharam-uos as portas. A alliança esteve firme emquanto d'ella não precisámos a primeira vez. Quando a conferencia de Berlim entendeu dever roubar-nos um pedaço dos nossos territorios na Africa occidental para formar o estado do Congo, a Inglaterra deixou-nos só, abandonou-nos á cubiça dos outros povos, e isto sómente para só concessões territoriaes.

O desastre da conferencia de Berlim devia mostrar aos nossos estadistas que era já tempo procurar outra alliança, que melhor garantia nos dessem no futuro? que ao menos nos não abandonassem no momento do perigo.

Mas que valiam os interesses da nação, contra os interesses partidarios?

Cousa nenhuma. Primeiro estão os corrilhos politicos, a frandulagem que se acotovella á porta dos ministros, pedindo.

E foi por isto que nós viemos de tombo em tombo chegar á borda de tantos precipicios.

Novidades

Fallecimento.—Falleceu a snr.ª Josepha Magdalena de Jesus, da rua do Areal, esposa do nosso bom amigo o snr. Manoel Antonio Lopes.

Ao nosso amigo e sua familia damos sentimos pezamos.

Convalescente.—Entrou em franca convalescença o nosso amigo Manoel Antonio Lopes Junior, de Guilhovae, a victima da malta dos *cabos de policia*.

Estimamos sinceramente que as melhoras se accentuem.

A manifestação.—O snr. Antonio Cunha veio á puchada, com um arreganho descommunal.

Não lhe queremos mal por isso. Doeu-se deveras com os conselhos, que á boa mente lhe haviamos dado, e por isso implorou dos seus *amigos*, dos seus *subordinados* politicos uma coarctada d'arromba e uma referencia á *grande* manifestação de meia duzia.

E afinal para que tudo isto?

Para fazer d'esse numero do jornal um verdadeiro cano de esgoto, de que é perigoso a gente approximar-se sem pôr o lenço no nariz.

Aquillo é um desmoronar de insultos, colhidos por certo na parte mais central do Lamarão, onde o dialeto usual orça por similhante craveira.

Mas em todo aquelle ataque a fundo nem ao menos apparece o merito da fórma. Os adjectivos injuriosos, picantes são accumulados a *trouche-mouche*, sem ordem, sem regra, de misturada, como quando ao fazedor d'obra se encommenda um artigo e elle o prepara a correr, sem gosto e vontade. Os escriptos não tem a virilidade precisa: os insultos não marcham bem arregimentados, direitos, tesos, em ordem de batalha. Nada, snr. Antonio Cunha, aquillo não presta para coisa alguma, não surtem o effeito desejado. Para a outra vez será melhor encommendar a melhor fazendor o esvazar do seu odio.

Quando lemos aquelle chorrilho de insultos pozemos-nos a rir, porque nunca haviamos imaginado que a nossa noticia da manifestação produzisse tão bom effeito.

A verdade é, snr. Antonio Cunha, que até agora o temos tomado como um homem innofensivo, mettido nas danças macabras da politica por circumstancias estranhas á sua vontade; agora os insultos do «Ovarense» vem-nos provar que haviamos acertado—um chefe politico, que tivesse tacto nunca se mostraria tão vulneravel como o snr. Antonio Cunha se deixou vêr. Deus não o talhou para politico—está muito bem no logar de medico d'aldeia.

Ao snr. Antonio Cunha devolvemos os insultos em... carta fechada.

Litteratura

SONHOS!

Ella era bonita a valer, com a sua cabecita de colibri, onde se abriam dois luzeiros ardentes, que incendiavam os cerebros e abalavam os corações. Tinha uma bocca... que bocca!—um pequenino abysmo de coral e perolas, que attrahia os beijos que se batiam no espaço n'uma peleja ferina.

Sentiu somno; deitou se. A cabeça pende mollemente nas almofadas, os olhos cerram-se como sob a impressão de um grande peso, e os labios agitam-se tremulos, n'um balbuciar de palavras sem nexo.

Sonhava.

Via-se trajando luxuosa *toilette*, os braços regorgitando de pulseiras, o collo faiscante de brilhantes.

Passavam grupos de donzellas com seus paes, respeitosamente cortejados, a despeito dos seus vestidos de chita.

Invejou-lhes a modestia do trage, invejou-lhes a nudez dos pulsos, e olhou-se com odio, e tremeu de raiva ao contacto frio das pulseiras.

E' que ella tinha sido assim casta, é que ella tinha visto já em redor de si as homenagens que se prestam á virtude! Mas então esgaçava phreneticamente os vestidos de chita barata que lhe comprava o pae, e humedeciam-se-lhe os olhos, ao lembrar-se que não tinha uma pulseira. E' que o ouro, o infame, o nojento tartufo, começava a fazer-lhe a côrte; começava a azeder-lhe a alma, a embotar-lhe as aspirações com o seu phraseado hypocrita.

E ganhava terreno, o maldito! porque elle achava-o lindo com os olhitos amarellos a brilharem muito para ella, e ouvia-lhe a voz, elevada, como quem escuta uma catadupa de nótas despenhando-se dos mundos da harmonia Elle dominiva-a com o seu olhar brilhante, infernal, prendia-a com o seu sorriso provocante, infame!

Por isso mascava fastidiosamente o cosido modesto da familia; por isso olhava desdenhosa o vestido de chita e o chapellinho de fitas azues.

Depois, um dia, elle, o ouro, apontou-lhe o espelho; olhou, viu-se formosa, e estremeceu de jubilio ao fulgor do olhar. E então, calcando aos pés a honra, deixou a um canto as pobrissimas *toilettes*, e precipitou-se lhe nos braços prompta a seguil-o ao fim do mundo, ao inferno até.

A principio tudo eram risos, festas; mas depois... elle não deixara ainda de todo, mas ella começava a sentir lhe gelo nos beijos; e via ao longe, muito ao looge ainda, mas via-a, a enxerga d'um hospital, tendo ao lado a figura esqualida da indigencia. E os homens olhavam-a com admiração pela sua belleza, como quem admira a bella estampa de um pachyderme, e ella sentia-se vexada sob esse olhar, porque as decepções tinham-lhe já feito conhecer a hediondez do amante, e começavam a entrar-lhe n'alma as recordações do tempo que perdera.

Depois, via o pae, tendo ao lado perfil meigo, como sóem ser as mães, e ouvia as risadas da irmãsita, uns quatorze annos frescos, felizes!

.....

Acordou soluçante, mal impressionada, estupida até. Chegou á janella, mas retirou-se logo, aborrecida de tudo e de todos.—Deus a livrasse de muitos sonhos assim:—matava-se!

Mercedes Blasco.

CORRESPONDENCIA

REGOA 3 DE MARÇO DE 1891

(Do nosso correspondente)

Correspondente — A eleição da commissão de recenseamento — Os delegados do governo extra—telegramma do «Primeiro de Janeiro—Camara municipal republicana (?)

Tendo o habitual correspondente d'esta villa para este jornal suspendido as suas correspondencias por motivos muitissimo attendiveis que franca e lealmente me expoz, a seu pedido passo desde hoje a substituil-o, e empregarei quanto possa e saiba por corresponder á confiança que me dispensam e a honra que me dão. Dito isto entremos no exercicio das nossas funcções.

Nunca se morre politicamente quando se dispõe da força de cohesão entre numerosos e importantissimos amigos, como acontece actualmente com o grupo politico que representa a casa das Nogueiras, quando se dispõe de tam poderosos elementos homogeneos, professando o mesmo credo, defendendo a mesma bandeira, commungando as mesmas ideias, inabalavel na convicção intima da verdadeira causa que honradamente se abraça. Da difficuldade é que nasce o desejo; vencer sem lutar não é vencer.

Quem morre politicamente e a quem cabe verdadeiramente as orações funebres, é aquelles que vendo-se completamente perdidos abandonados, exhauridos, não tendo a mais pequena tabua de salvação a que honrada e lealmente se agarrem para sustentar a mais pequena escaramuça, vão, arrastando-se miseravelmente, implorar auxilio a um grupo politico seu inimigo, fazendo com elle causa commum, e apoiando a sua *popularidade e importancia* nas pontas das baionetas fornecidas pelo governo *extra*: e nos cacetes da escoria alugada para proezas d'encrusilhada. Em 8 de Janeiro foi o importante grupo politico da casa das Nogueiras violentamente escorraçado de tomar parte na eleição, e até mesmo de entrar nos paços do concelho, havendo do seu lado maior numero d'eleitores; commettendo n'essa occasião uma das maiores villania de que ha memoria nos annaes das luctas eleitoraes, villanias que ainda estão bem presentes na memoria de todos aquelles que as presenciaram.

Em 26 de fevereiro é o mesmo grupo politico novamente repellido da urna quiçá com maiores forças de que os seus adversarios, por *deliberação* dos delegados do governo *extra* que, querendo *ganhar* não olharam aos meios para o conseguir planeando as violencias mais criminosas, empregando os mais baixos expedientes.

Sobre tudo, é singular que, nos tempos que atravessamos, bastante calamitosos para a honra e brio da nação, não haja por parte de quem compete a maior prudencia, a mais rigorosa circumspecção e respeito pelas regalias e direitos politicos dos cidadãos, que não seja devidamente acatado o suffragio, não se mantendo na ordem e na orbita das leis a liberdade da urna!

E' extraordinario que, dias depois de ser vilmente perpetrado um criminoso acto contra as instituições do paiz, acto que o emocionou de norte ao sul, que se repercutiu em toda a esphera das nações civilisadas, que abalou um pouco o credito nacional, que bem tarde passará de nós a sensação que ainda se sente cujos personagens estão hoje sob o sacramento dos tribunaes, sendo a imprensa unanime em exhortar os governos presente e futuros a inaugurarem um novo regimen de administrações e politica; é n'estas especialissimas circumstancias que os delegados do governo *extra*, não tendo ou não comprehendendo a melindrosissima situação da nação, vem para o campo das luctas eleitoraes dar uma nota discordante no concerto d'uma conducta moralisadora dos principios constitucionaes que deviam adoptar e seguir.

Quando o governo a braços com intrincadissimas questões da administração do paiz, recorre aos partidos politicos, monarchicos, solicitando todo o seu auxilio e coadjuvação para o desempenho da alta missão que a si arrogou, e esses partidos franca e abertamente põem á disposição do governo, incondicionalmente, todo o seu apoio, os delegados d'esse governo falseando a sua missão, provocam e promovem represalias, não respeitando os direitos de ninguem, saltando por cima de tudo, espesinhando aquelles a quem na vespera pedira protecção!

Os adversarios da casa das Nogueiras, não contentes em calumniar os amigos d'aquella casa com uma linguagem banal, symthomatica da loucura aguda que ha muito lhe invadiu o cerebro, não satisfeitos com as suas gargalhadas cynicas e imbecis, mostrando cada vez mais a insignificancia do seu já pouco ou nenhum valor, mandam insultar e traiçoeiramente aggredir nas ruas publicas os amigos da casa das Nogueiras, fiados na escandalosa protecção e impunidade!

Não se póde exercer mais dispotismo. Isto é indigno, é repugnante.

E quer esta gente passar por civilisada.

Os governos monarchicos-representativos teem a seu favor certo prestigio; mas este prestigio desapparece quando se vê que elles são representativos só em theoria, na pratica quasi nunca o são. Os povos quasi nunca são verdadeiramente representados. Quem o é, é a vontade ministerial, ou uma outra fracção, que pelas intrigas ou pela violencia, quando não são ambas ao mesmo tempo, se apodera da urna, para servir ambições mesquinhas ou caprichos desarrazoados.

Homens que politicamente assim procedem, para encobrir a sua fraqueza na politica, lançando mão das violencias e da força armada para fazer valer as suas opiniões, estão desautorisados, e ha muito condemnados no espirito do publico sensato e illustrado.

Perdeu-se tudo menos a honra, disse um dia um grande capitão. Os amigos politicos da casa das Nogueiras, um dos maiores collossos das provincias, se *perdeu* a eleição da commissão do recenseamento que, sendo feita legalmente ninguem aqui a póde disputar nem supplantar, devido aos brutaes actos de força só tolerada entre tribus barbaras, que os seus adversarios exibiram auxiliados pelas auctoridades facciosas, visto que não dispunham de elementos para uma lucta leal, ficaram todavia limpos, como sempre, com a sua consciencia tranquilla, sem mancha, sem *nodoa*, sobresaindo á superficie d'este revoltoso mar encapellado d'intrigas, de violencias criminosas, de patifarias revoltantes, illesa e brilhante a sua honra! Resta-lhes esta gloria que não é pequena.

Um telegramma d'esta villa publicado no «Primeiro de Janeiro» d'hoje alludindo á eleição da commissão do recenseamento n'este concelho, diz que os partidarios da casa das Nogueiras se absteram de ir á urna por terem sómente 15 votos contra 19. E' menos verdadeira tal asserção. Os amigos da casa das Nogueiras abstiveram-se de ir á eleição unica e simplesmente porque sabiam *que não era mantida a liberdade da urna*, e por que 35 baionetas estavam promptas para os assassinar se tanto conviesse aos seus adversarios, e além d'isso um bando de caceteiros preparados para os espancar *antes de chegarem á camara*. Foi para poupar os seus amigos a um derramamento de sangue, a uma carnificina horrivel, que desistiu de concorrer á eleição, e *nunca* por temer o maior numero d'eleitores das hostes contrarias. A casa das Nogueiras com a legalidade, sem o mais pequeno constrangimento, não teme o valor dos seus adversarios, que apenas mostram eleitores em algarismos. Um erro arithmetico.

Em todo o paiz, camaras, juntas geraes, funccionarios publicos de todas as classes, escolas, associações, emfim desde o mais alto tribunal até á mais pequena junta de parochia, ou outra qualquer minuscula collectividade, teem exprimido ao El-Rei o seu pesar pela revolta militar de 31 de Janeiro ultimo, tendente a derrubar as instituições, felicitando ao mesmo tempo o augusto monarcha pelo mallôgro da revolta; pois houve uma camara municipal no paiz, que foi a da Regoa, segundo me informam, que tratando-se d'uma mensagem d'aquella natureza, alguns dos seus vereadores se levantaram e não assignaram!

Este facto indignou toda a gente que d'elle teve conhecimento.

Chamamos a attenção do snr. Ministro do Reino, para este gravissimo caso, que é da maxima importancia.

Não podem por mais tempo sentarem-se nas cadeiras do municipio, homens que não possuem as mais rudimentares noções do dever civico e de respeito ao chefe do estado.

Snr. Ministro do Reino, a camara da Regoa está ha muito pedindo uma vassourada de dissolução. Dê-lh'a, que bem merece.

Z. G.

ANNUNCIOS JUDICIAES

ANNUNCIO

(2.ª publicação)

Pelo juizo de direito da comarca d'Ovar Escrivão Sobreira correm editos de quarenta dias a contar da segunda publicação do annuncio no diario do governo, citando Antonio Pereira de Mendonça, auzente em parte incerta no Brazil para assistir a todos os termos até final do inventario ophanologico, a que se procede por obito de sua mulher Maria Rozaria da Silva Lopes, que foi da estrada de baixo, de Vallega, sem prejuizo do seu andamento.

Ovar, 24 de Fevereiro de 1891.

Verifiquei

Salgado e Carneiro

O escrivão

Antonio dos Santos Sobreira.

(59)

ARREMATAÇÃO

(2.ª publicação)

No dia 15 de Março proximo ao meio dia á porta do tribunal judicial d'esta comarca, vae á praça para se arrematar por quem mais offerecer sobre a avaliação no inventario por morte de Rosa Alves de Oliveira, de Monsão de Cortegaça, sendo as despezas da praça e contribuição de registo á vista do arrematante, a seguinte:

PROPRIEDADE

Uma leira de terra lavradia, chamada a Leira do sul, sita no logar dë Monsão, de Cortegaça, de natureza, allodial que conforta do norte e sul com José Alves Fardilho, do nascente com caminho publico, e do poente com Manuel de Souza e outros, avaliada em 198$000 reis.

Verifiquei
O juiz de direito

Salgado e Carneiro

O escrivão
João Ferreira Coelho
(58)

EDITOS

(1.ª publicação)

Pelo juizo de direito da comarca d'Ovar, e cartorio do escrivão Ferraz, correm editos de trinta dias, a contar da segunda publicação deste annuncio no Diario do Governo, citando os credores e legatarios desconhecidos, ou residentes fora da comarca, para deduzirem os seus direitos no inventario de menores a que se procede por obito de Antonio Soares d'Almeida, morador, que foi no logar da Murteira freguezia d'Arada.

Ovar, 5 de março de 1891
Verifiquei a exactidão

O juiz de direito

Salgado e Carneiro

O escrivão

Eduardo Elisio Ferraz d' Abreu
(62).

EDITOS

(1.ª publicação)

Na comarca d'Ovar e pelo cartorio do escrivão João Ferreira Coelho, correm editos de trinta dias a contar da segunda publicação d'este annuncio no «Diario do Governo» citando os herdeiros ou representantes do reverendo Roberto Gonçalves de Sá, abbade que foi da freguezia d'Esmoriz d'esta comarca, para na segunda audiencia do juizo arbitral, findo o prazo dos editos, verem accusar a citação, e installar a acção commercial proposta perante arbitros commerciaes, por Manoel Francisco da Silva casado, proprietario, do logar da Vinha da mesma freguezia contra os referidos herdeiros á quelle abbade, pessoas incertas, na qual lhes pede o pagamento da quantia de um conto dezentos setenta e quatro mil cento e trinta reis, nos termos e a sua pelição, proveniente d'emprestimo por lettras, acceites e assignadas pelo mesmo abbade, sendo uma de 500:000 reis, com data de 27 de dezembro de 1889, a seis mezes de data pagavel ao aucto, ou á sua ordem; tres pagaveis a José Rodrigues da Silva Pichel do Paço da mesma freguezia, sendo uma de 200:000 reis, outra de 100:000 saccadas a doze mezes da data, em 27 de julho de 1889, e outra de 100:000 reis, saccada a seis mezes da data em 29 d'abril de 1890, as quaes o referido Pichel, iudossou as auctor que elles é dous e portador; ficcalmente outra pagavel a João Pereira d'Oliveira, casado, cordoeiro, de Mattozinhos d'aquella freguezia d'Esmoriz, como thesoureiro do Santissimo da mesma freguezia. ou á sua ordem na dita qualidade, da quantia de 347$130 reis, saccada a tres mezes da data em o 1 de março de 1890, cuja lettra aquelle João Pereira de Oliveira igualmente indossou ao auctor que d'ella tambem é dono e portador. As audiencias d'este juizo arbitral, fazem-se as terças e sextas-feiras de cada semana por dez horas da manhã na sala das testemunhas do tribunal judicial d'esta comarca, ou nos dias immediatas, sendo aquelles santificados.

Ovar, 2 de março de 1891

Verifiquei a exactidão
O arbito encarregado do expediente
Alves Cerqueira

O escrivão
João Fereira Coelho
(60,)

ARREMATAÇÃO

(1.ª publicação)

Pelo juizo de direito da comarca d'Ovar e cartorio do escrivão Coelho, vão á praça para serem arrematados por quem mais offerecer sobre o preço da avaliação, na execução hypothecaria que José d'Oliveira Vinagre, viuvo, do Picoto, move contra Francisco Ferreira Dias e mulher, da travessa do Outeiro, todos d'esta villa d'Ovar, no dia 5 de abril proximo ao meio dia, as seguintes:

PROPRIEDADES

Uma casa alta, sita na rua dos Bombeiros Voluntarios do Porto, da costa do Furadouro, que confronta do norte com a estrada, sul com o palheiro dos herdeiros de Manoel Lapuz, nascente com Antonio Boi, e poente com a casa de Manoel d'Oliveira Gonçalves, allodial, avaliada na quantia de 400$000 réis.

Uma morada de casas terreas com armazem, quintal e mais pertenças, sita na rua Travessa do Outeiro, d'esta villa, que confronta do norte com a rua Publica, sul com Manoel Mendes, nascente com Maria do Raia, e poente com a rua Publica, avaliada na quantia de 270$000 réis.

Por este são citados quaesquer credores incertos dos executados para deduzirem os seus direitos na mesma execução, querendo.

Ovar, 6 de março de 1891.

Verifiquei

O Juiz de Direito

Salgado e Carneiro

O Escrivão

João Ferreira Coelho.
(64)

EDITOS

(1.ª publicação)

Pelo juizo de direito da comarca d'Ovar, e cartorio de escrivão Ferraz, foi pelo respectivo conselho de familia auctorisada a separação perpetua de pessoas e bens, na acção especial em que é auctor Julio Soares de Mello, e é sua mulher Maria de Sá, ambos do logar da Pedreira, freguezia de Cortegaca, cuja deliberação foi homologada por sentença de 2 do corrente mez e anno.

E para que a sentença produza effeito para com terceiro, se faz annunciar, nos termos do artigo 468 do codigo do processo civil.

Ovar, 3 de Março de 1891.

Verifiquei a exactidão

O juizo de direito

Salgado e Carneiro.

O escrivão

Eduardo Elisio Ferraz d' Abreu

(61).

EDITOS

(1.ª publlcação)

Pelo juizo de direito da comarca d'Ovar e cartorio do Escrivão Coelho, correm editos de trinta dias contados da segunda publicação d'este annuncio no «Diario do Governo», citando os interessados Antonio de Oliveira Pardal casado com Rosa Pinto, filho do inventariado, Rosa da Silva Picé viuva e Maria José casada com José Charan, filhos de João d'Oliveira Pardal, fallecido, Maria Gomes Cascarreja, casada que foi com Fernando d'Oliveira Pardal, fallecido, como representante de sua filha Maria, menor, impubere. Joanna da Silva, casada com Custodio da Palaia, e Anna da Silva, casada com Manoel Pereira Ramalhete, filhos de Rosa da Silva, casada que foi com João Gilvaz, netos do inventariado e ausentes em parte incerta na cidade de Lisboa, para todos os termos até final do inventario orphanologico a que se está procedendo por fallecimento de Francisco d'Oliveira Pardal, morador que foi, na rua do Pinheiro, d'esta villa, e no qual é cabeça de casal a viuva sua mulher Joanna da Silva, da mesma rua e villa. Igualmente correm editos de trinta dias contados da mesma segunda publicação, citando os credores e legatarios por ora desconhecidos, para deduzirem os seus direitos no mesmo inventario, querendo.

Ovar, 4 de março de 1891.

Veriquei a exactidão

O Juiz de direito

Salgado e Carneiro

O Escrivão

João Ferreira Coelho (63)

Annuncios

Agradecimento

Jeronymo Alves Ferreira Lopes e Anna Gomes dos Santos Lopes, na impossibilidade de pessoalmente o fazerem, agradecem penhoradissimos a todas as pessoas das suas relações que os visitaram em seu proprio domicilio, por motivo do fallecimento de sua presada tia e pedem desculpa ás que n'essa occosião, inscientemente os procuraram em casa de Joaquina Magdalena de Jesus, protestando a todos a sua gratidão.

Ovar, 4 de março de 1891.

Agradecimento

Manoel Antonio Lopes Junior, filhos, irmão, conhados, genros, sobrinhos e toda afamilia qne tomou parte e comigo esteve presente em casa de Joaquina Magdelena de Jesus a receber as visitas de todos os seus amigos e pessoas de suas relações por occasião do fallecimente de sua chorada e estremecida esposa, mãe, conhada, sogra e tia Josépha Magdelena de Jesus, impossibilitados de o poderem fazer pessoalmente agradecem por este meio a todos aquelles prestantissimos cavalheiros que se dignaram cumprimental-os por tão funesto acontecimento, acompanhando-a á sua ultima morada, a todos protestam a sua inolvidavel gratidão.

Ovar, 4 de março de 1891.

Agradecimento

Os abaixos assignados penhoradissimos com todas as pessoas que os comprimentaram e acomparam á sua ultima morada o cadaver de sua sempre estremecida filha, neta, irmã e sobrinha —Angelina Rosa d'Oliveira e Silva, veem por este meio, por não o poderem fazer pessoalmente agradecer a todos o seu eterno e profundo reconhecimento.

Ovar, 1 de março de 1891.

João Nunes da Silva (auzente)
D. Maria Benedictina Pinto d'Oliveira Vaz e Silva (auzente)
João Baptista Nunes da Silva (auzente).
Manoel Martins d'Oliveira Vaz
Angelina Rosa Pinto d'Oliveira
Hypolito Pinto da Cunha Teixeira (anzente)
D. *Anna Victoria Rodrigues Teixeira* (auzente)
Manoel Bernardino d'Oliveira Vaz (auzente)
Maria José Pinto d'Oliveira Vaz
Sophia d'Oliveira Vaz

A. A. SOARES DE PASSOS

POESIAS

7.ª edição revista, augmentada e precedida
D'UM
ESBOÇO BIOGRAPHICOS
POR
A. X. RODRIGUES CORDEIRO

1 vol. br.... 300 rs.

Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas ou val do correio A' Livraria=Cruz Coutinho=Editora. Rua dos Caldeireiros, 18, e 19 —Porto.

AGENCIA FUNERARIA

Rua da Graça — OVAR

SILVERIO LOPES BASTOS, acaba de estabelecer uma agencia funeraria pelo systema do Porto, tendo todos os aprestes para funeraes os mais modernos e mais economicos que até hoje se tem inventado; n'esta casa encontrarão os snrs. doridos caixões já armados desde o mais barato até ao mais rico que se póde fazer; habitos desde a mais fina seda até ao mais baixo algodão; corôas de flores artificiaes, de perolas e de zinco, desde o melhor ao mais barato, fitas de seda desde a mais larga á mais estreita, guarnições douradas, artigos de cartonagem e palheta, sedas lisas e lavradas e emfim um lindo e variado sortido de objectos proprios para funeraes.

Poderão pois os snrs. doridos apresentar as suas ordens n'esta casa e duas horas depois terão o caixão, habito e tudo o que necessitarem sem o mais leve incommodo, tendo para isso pessoal competentemente habilitado.

PREÇOS RESUMIDOS

O ESPETRO

Pampheleto hebdomedario

Publicação semanal

DEPOSITO GERAL

Livraria Civilisação, rua de Santo Ildefonso, 12,

Em Lisboa, travessa de Santa Justa, 65, 2.º

ASSIGNATURA

Anno	2$400
Semestre.....	1$200
Trimestre	600
Mez.....	200

A vulso 50 ris

A' venda em todas as livrarias e kiosques.

SEMANA SANTA

Grande novidvde de cartonagens para ameudoas.

—

Livros de missa em todos os gostos e preços

—

Amendoa de Lisboa e Franceza

—

Caixas com lenços de linuo e algodão proprias para presentes

—

Albuns para retratós etc. etc.

—

Tudo novidade!

Silva Cerveira

OVAR

A AVÓ

POR

ÉMILE RICHEBOURG

omance traduzido da nova edição correcta e augmentada pelo auctor

A avó, o romance mais bello de Émilie Richebourg, deveria ter para os seus capitulos apenas os seguintes titulos:

Orgulho, maldição, arrependimento e remorso, expiação, avó, mãe e filha.

N'esta obra, commovedora pe-as peripecias extraordinarias que a revestem, quasi toda a acção gira, com a duração tremenda de seculos, em turno dos tormentos d'uma fidalga em quem a soberba e o orgulho da sua origem suffocaram os sentimentos de mãe, para a deixarem mais tarde na solidão desconsolada e fria d'uma existencia despida dos carinhos que não são a meia vida dos velhos.

Mãe sem filha... avó sem neta .. tal é a esmagadora synthese dos indiscriptiveis pezares d'essa orgulhosa, só muito tarde santificada pelo arrpendimento e pelas lagrimas—lagrimas terriveis que farão vibrar de enternecimento todos os leitores de coração.

Não queremos antecipar-nos ao que a leitura d'esse estudo d'um coração de mulher reserva aos nossos assignantes, mas desde já podemos asseverar que no seu espirito ficarão gravadas recordações indeleveis suavisadas pelo desfecho sublime da avó.

Os editores Belem & C.ª de Lisboa, previnem os seus estimaveis assignantes, de que este bello romance, o mais interessante que sahiu da penna de Richebourg, está sendo vertido para a nossa lingua, não do primitivo romance, mas sim da edição que agora viu a luz, augmentada com grande numeros de capitulos novos, que lhe desenvolveram a acção, dando-lhe interesse sempre crescente, com uma nova parte extensa e admiravelmente bem engendrada, e com muitas gravuras e chromos, que juntos ao texto, o elucidam e lhe dão um relevo e colorido attrahentes.

Fique, pois, assente, e os nossos leitores terão occasião de o verificar, que a nova obra em nada se parece com a traducção já feita por um jornal de Lisboa, traducção executada sobre o joelho e resumida, o que representou uma córte lamentavel nas passagens mais importantes d'esse extraordinario romance.

Sairá em cadernetas semanaes de 4 folhas e estampa 50 réis.

Brinde a cada assignante no fim da obra

Grande vista de Lisboa, em chromo, tirada do Tejo, *à vol d'oiseau*. Representa com a maior fidelidade a magestosa Praça do Commercio, em todo o seu conjuncto as ruas Augusta, do Ouro e da Prata, Praça de D. Pedro IV, theatro de D. Maria II, o Castello de S. Jorge, as ruinas do Carmo, etc. Mede em extensão 72 por 60 centimetros, e é incontestavelmente a mais perfeita vista de Lisboa, que até hoje tem apparecido.

Nossa Senhora de Paris
por VICTOR HUGO

Romance historico illustrado com 200 gravuras novas compradas ao editor parisiense EUGÉNE HUGUES

Depois dos MISERAVEIS é o romance NOSSA SENHORA DE PARIS a obra mais sublime de Victor Hugo. Cheio de episodios surprehenentes, d'uma linguagem primorosa, a sua leitura elevase nosso espirito ás regiões sublime do bello e innunda de enthusiasmo a nossa alma, levando-nos a tributar ao grande poeta francez a admiração mais sincera e illimitada

A sua traducção foi confiada ao illustre jornalista, portuense, o dxc.^mo snr. Gualdino de Campos, d a obra completa constará d'um volume magnificamente impresso em papel superior, mandado exaressamente fabricar em uma das primeiras casas de Milão.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

A obra constará de 1 volumes ou 18 fasciculos em 4.°, e illustrada com 200 gravuras, distribuido em fasciculos semanaes de 32 paginas, ao preço de 100 reis, pagos no acto da entrega. Para as provincias o preço do fasciculo é o mesmo que no Porto, franco de porte, mas só se acceitam assignaturas vindo acompanhadas da importancia de cinco fasciculos adiantados. A casa editora garante a todas as pessoas que angariarem qualquer numero de assignaturas, não inferior a cinco, e se responsabilisarem pela distribuição dos fasciculos, a commissão de 20 por cento. Acceitam-se correspondentes em todas as terras do paiz, que dêem abono á sua conducta.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a

LIVRARIA CIVILISAÇÃO
DE
Eduardo da Costa Santos, editor

4, Rua de Santo Ildefonso, 4
PORTO

LIVRARIA CHARDRON

A reproducção desleal, feito no livro BOHEMIA DO ESPIRITO editado pelo snr. Costa Santos, das obras abaixo mencionadas, prejudicando a sua venda, obriga esta **casa editora e proprietaria** a fazer uma grande reducção nos preços das mesmas.

GRAND RABAIS

CAMILLO CASTELLO BRANCO
CARTA DE GUIA DE CASADOS, por D. Francisco M. de Mélo (Prefacio) Avulso 360—180 reis
A ESPADA D'ALEXANDRE.. » 240—120 »
LUIZ DE CAMÕES, nota biographicas av. 400—200
SENHsORA RATTAZZI 1.ª edição..... av. 160—60 »
SENHORA RATTAZZI 2.ª edição..... av. 200—100 »
QUESTÃO DA SEBENTA (aliás *Bollas e Bullas:* Notas á Sebenta do dr.

TODA A COLLECÇO 600 REIS

Todas estas obras forao vendidos sem diversas epocas pelo aucioro fallecido Ernesto Chardron.

LUGAN GENELIOUX, suecessores, Clerigos, 960—PORTO.

A C. Callisto.... av. 60—30 »
Notas ao folheto do dr. A. C. Callisto.... av. 60—30 »
A Cavallaria da Sabenta..... av. 100—50 »
Segunda carga da cavallaria..... av. 150—75 »
Carga terceira, treplica ao padre.....av. 150—75 »

O ESPETRO

Pamphleto hebdomedario

Publicação semanal

Depositos em Portugal

Livraria Civilisação, rua de Santo Ildefonso, 12.

Em Lisboa, travessa de Santa Justa, 65, 2.°

ASSIGNATURA

Anno.....	2$400
Semestre.....	1$200
Trimestre.....	600
Mez.....	200

Avulso 50 reis

A' vendo em todas as livrarias e kiosques.

Gazeta dos tribunaes administrativos

Publica-se por series de 12 numeros, devendo publicar-se regularmente 2 numeros em cada mez.

Conterá, além d'accordãos de diversos tribunaes de primeira e segunda instancias, artigos sobre direito e forma de processo, especialmente administrativo. Publicará tambem a legislação mais importante que se fôr promulgando, já no proprio jornal, já em separado, se este a não podér conter, mas sem augmento de preço para os senhores assignantes.

Preços da assignatura

Por serie de 12 numeros (6 mezes).....	1$200
Por duas series (um anno)	2$400

Não se acceitam assignaturas por menos de 12 numeros, pagas adiantadamente.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Redacção da «Gazeta Administrativa» — Villa Real.

MANUAL

DO

PROCESSO ADMINISTRATIVO

Comprehendendo a forma do processo de todas as especies da competencia dos tribuaes administrativos districtaes, desde a sua origem nas diversas repartições, com todos os modêlos e formas que lhe são concernentes.

pelo

DR. AUGUSTO CESAR DE SÁ

JUIZ DE DIREITO, SERVINDO NO TRIBUNAL ADMINISTRATIVO DE VILLA REAL

Este livro, unico até hoje escripto sobre processo administrativo, e da maior utilidade não só aos que lidam no foro, mas até mesmo ás corporações administrativas e administrações do concelho, publica-se por entregas de fasciculos de 32 paginas, Preço de cada fasciculo, 120 réis.

Póde ser requisitado a Raul de Sá—Editor do MANUAL DO PROCESSO ADMINISTRATIVO—VILLA REAL.

A ESTAÇÃO

JORNAL ILLUSTRADO DE MODA PARA AS FAMILIAS

Publicou-se o n.° de 1 de Julho

Preços: 1 anno réis 4$000—6 mezes 2$100 rs.—Numero avulso rs. 200.

LIVRARIA CHARDRON, LUGAN & GENELOUX, SUCCESSORES—PORTO.

A MARSELHEZA
E A
PORTUGUEZA

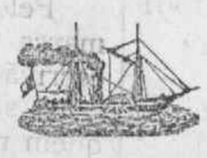
Em portuguez e em francez

Preço 40 réis.—Para revender grande desconto.

A' venda em todos os kiosques de Lisboa e Porto.

Pedidos a Julio Flavio, rua de S. Lazaro 99.—Lisboa.

Manaus, Pará, Maranhão, Ceará, Peruambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e outros portos do Brazil



Vendem-se passagens a preços **muito reduzidos** para todos aquelles portos dos Estados Unidos do Brazil.

Tambem **se dão passagens gratuitas** para os portos acima mencionados a individuos solteiros, homens ou mulheres e familias inteiras, **ficando livres de quaesquer compromissos e podendo á sua vontade empregar-se em qualquer trabalho e residirem onde quizer.**

Vendem-se tambem a preços commodos passagens para os diversos portos da Africa Portugueza, Occidental e Oriental.

Preparam-se todos os documentos necessarios e apromptam-se gratuitamente.

Dos seus amigos e freguezes esperam os abaixo assignados. agentes das companhias se lhes dirijam para obter qualquer passagem.

Os agentes em Ovar,
Antonio da Silva Nataria
Antonio Ferreira Marcellino.

Pelos paquetes de primeira ordem **dão-se passagens gratuitas** a individnos solteiros, homens ou mulheres, que tenham mais de 17 e menos de 51 annos de edade, para differentes terras dos Estados Unidos do

BRAZIL

e principalmente para o **Rio de Janeiro e S. Paulo.**

Pelos paquetes a sahir de Lisboa todas as semanas, **dão-se passagens gratuitas** a familias de trabalhadores ou lavradores, compostas de *marido, mulher, avô ou avó com seus filhos, genros, netos ou enteados*, para differentes terras dos Estados Unidos do

BRAZIL

e principalmente para o **Rio de Janeiro e S. Paulo**

Os passageiros que embarcarem n'estas condicções não contrahem divida alguma pelos beneficios recebidos, podendo empregar livremente a sua actividade laboriosa no trabalho que mais lhes convenha.

Solicitam-se e apromptam-se os documentos necessarios e respectivos passaportes, para os passageiros, e prestam-se todos os demais esclarecimentos. Dirigir unicamente:

EM OVAR

Serafim Antunes da Silva

Rua da Praça

EM AVEIRO

a Manuel J. Soares dos Reis

19—Rua dos Mercadores—23.

N. B.—N'esta agencia vendem-se passagens para todos os portos da **Africa Portugueza**, por paquetes **portuguezes** de primeira ordem.

Os compromissos effectuados pelo agente principal ou por seus agentes são compridos com rigorosa promptidão, segurança e boa fé. Exportam-se mercadorias e embarcam-se passageiros p elos portos de *França* e *Hespanha*.